

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Abril 1989



Bodas de Ouro
da Igreja do Barreiro



Visita do Presidente da Conferência Geral, Pastor Neal C. Wilson,

acompanhado pelo Pastor Edwin Ludescher, Presidente da Divisão Euro-Africana



NEAL C. WILSON, Presidente da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, nasceu em Lodi, na Califórnia. Filho de pais missionários, os seus estudos decorreram na Índia, na Zâmbia, Malavi e nos Estados Unidos. É casado com Elinor Neumann e tem dois filhos, Ted e Shirley.

Trabalhou como contabilista, caixa, tesoureiro, pastor-evangelista, presidente da Missão e de União, foi director de Departamentos e vice-presidente da Conferência Geral antes de ser nomeado para a actual responsabilidade que ocupa desde 1979.

O seu ministério levou-o à Índia e ao Egipto, tendo desempenhado no Cairo, onde viveu mais de 15 anos, importantes funções, como, por exemplo, as negociações que levaram à abertura do trabalho na Líbia, Sudão e Aden. Trabalhou também como consultor do Governo do Cairo para assuntos de liberdade religiosa. Realizou considerável trabalho para o Departamento de Arqueologia e Antiguidades do Egipto, desenvolvendo estreita amizade com dirigentes religiosos e políticos do Médio Oriente. Recebeu menções honrosas do Governo da Líbia pela abertura do Hospital de Benghazi. É consultor da Liga Árabe Anti-narcóticos. Assimilou várias línguas e culturas que fazem dele um «cidadão do mundo».

A sua responsabilidade na Igreja Ad-

ventista leva-o a visitar e contactar muitas pessoas em muitos países. Tem uma memória prodigiosa para fixar nomes. Recentemente, visitou a URSS e outros países do Leste, onde os seus contactos foram decisivos para o progresso do trabalho adventista naquelas áreas. É a segunda vez que vem a Portugal, como se pode ver pelo artigo do Pastor Ernesto Ferreira (p. 14). Acompanha o Pastor Wilson na sua visita a Portugal o Pastor Edwin Ludescher.

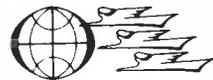


EDWIN LUDESCHER, de nacionalidade austríaca, é o Presidente da Divisão Euro-Africana dos Adventistas do Sétimo Dia, com sede em Berna, na Suíça.

O Pastor Edwin Ludescher fez os seus estudos na Áustria e em Collonges, na França, onde cursou teologia. O seu ministério pastoral começou no seu país natal, mas em breve foi chamado para a África Equatorial, onde trabalhou quase 20 anos como pastor, missionário, presidente de Missão a União. Em 1975 foi nomeado para o cargo que ocupa presentemente. Casado com Gerda Stöger, têm dois filhos, Jürgen e Gerd.

Na qualidade de presidente da Divisão Euro-Africana, o Pastor Ludescher tem visitado grande parte da Europa e África, sendo frequentemente convidado para os países do Leste, onde desfruta de grandes amizades. Recentemente, esteve em Angola e Moçambique, realizando uma visita pastoral.

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Abril de 1989
Ano XLVI • N.º 507

DIRECTOR:

J. Morgado

REDACTORA:

M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.R.L.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Telef. 542169

PREÇOS:

Assinatura Anual 650\$00
Número Avulso 65\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. 42413

Depósito Legal n.º 2705/83

Sumário

- 2 **Visita do Presidente da Conferência Geral**
- 3 **Obra Assistencial e Educativa**
Por J. Morgado
- 4 **Tempo de Decisão**
Por Robert H. Pierson
- 6 **É possível reduzir as Apostasias**
Por Ezequiel Quintino
- 8 **Para compreender melhor Ellen G. White**
Por G. Stéveny
- 10 **Área de Lisboa**
- 12 **Oremos uns pelos outros**
Por Pietro Copiz
- 14 **O Pastor Neal Wilson em Portugal**
Por Ernesto Ferreira
- 15 **Bodas de Ouro no Barreiro**
Por M. R. Baptista
- 18 **Notícias do Campo**



Obra Assistencial e Educativa

O mês de Abril está ligado, há vários anos, ao trabalho da Campanha das Missões.

Gostaria de lembrar, embora rapidamente, a grandiosa obra de assistência mantida pela Igreja em todo o mundo. Neste momento, esta obra é coordenada pela ADRA (Adventist Development and Relief Agency) que, tendo a sua sede em Washington, junto da Conferência Geral, possui delegações em todos os países onde a nossa Igreja está estabelecida.

A obra da ADRA não se limita a enviar socorros, alimentos, cobertores, medicamentos, etc. em caso de catástrofe, como ultimamente aconteceu com o terramoto da Arménia, em que a Igreja Adventista foi das primeiras organizações a chegar, e como tem acontecido noutros casos de emergência em vários lugares do mundo. Há outros e importantes aspectos de que a sua acção se reveste. Assim, quando algum dos meus prezados irmãos e leitores da Revista Adventista ouça ou veja anunciada pelos meios de comunicação social alguma catástrofe em qualquer ponto do mundo, saiba que se contribuiu para o Fundo de Fomes e Cataclismos, ou se recolheu fundos na Campanha das Missões, o seu esforço e a sua contribuição estão a ajudar.

Às vezes, recebo telefonemas

de irmãos que perguntam, no caso dessas catástrofes, como podem ajudar, e a minha resposta é sempre: contribua regularmente para o Fundo próprio, que a todos os níveis da nossa organização irá ajudar os que sofrem.

É que a acção da ADRA é muito mais profunda, pois os seus colaboradores estão procurando contribuir para educar e preparar meios para uma vida melhor. Lembro, por exemplo, o plano que existe a funcionar na cidade da Beira, Moçambique: uma bela escola agrícola.

Um nosso irmão, europeu, técnico em agricultura, encontra-se ali, dando classes, ensinando esses jovens como produzir melhor, como semear os produtos que podem depois transformar-se em trabalho independente para os nossos crentes.

Noutros países, a ADRA ajuda a fazer furos para fornecimento de água a aldeias, etc.

A acção que a Igreja Adventista, através da ADRA, leva a efeito, é reconhecida por vários Governos que colaboram connosco nestes empreendimentos.

Por isso, a nossa colaboração

na Campanha das Missões é indispensável.

Durante o mês de Abril há outro aspecto do nosso trabalho que vai ser lembrado: a obra das nossas escolas.

Graças a Deus, continuamos a poder manter as nossas escolas e consideramo-las como um meio de evangelização extraordinário. Os nossos professores são obreiros que estão realizando um trabalho que merece todo o nosso apoio. No entanto, as nossas escolas precisam, igualmente, do apoio de todos. Quantas crianças talvez as não frequentam por falta de meios! A União e as igrejas mantêm um plano de apoio para este efeito, mas pensamos que talvez muitos casais sem filhos pudessem ajudar também na educação dos que não têm meios para esse efeito.

Somos uma comunidade que dá valor à obra de assistência e à obra educativa. Mas tais obras só poderão ser mantidas com a participação e a dedicação de todos.

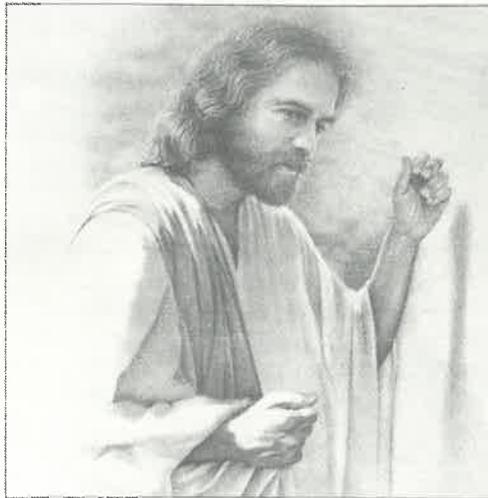
Que no momento oportuno nos lembremos destes dois aspectos da acção da Igreja Adventista!

J. Morgado

**Segunda Oferta para o Fundo de Templos
Será levantada Sábado, dia 20 de Maio de 1989.**

- Projecto de Santana (F. da Foz)
- Projecto do Barreiro

A MENSAGEM DA QUAL
DEPENDE O DESTINO
DA IGREJA



TEMPO DE
DECISÃO

QUANDO ESTÁ EM JOGO

A VIDA ETERNA

ROBERT H. PIERSON

Desde a alvorada da história da Terra, homens e mulheres têm sido chamados a tomar decisões a favor ou contra o seu Criador. No Éden, o primeiro par mergulhou a raça humana num abismo de pecado e morte quando ouviu a voz da serpente em vez de ouvir a voz de Deus. O Israel apóstata teve de fazer uma escolha decisiva nos dias de Moisés: «Vês aqui, hoje te tenho proposto a vida e o bem, e a morte e o mal» (Deut. 30:15). No Monte Carmelo, o destemido Elias teve de enfrentar um povo apóstata com o seguinte desafio: «Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o Senhor é Deus, segui-o; e, se Baal, segui-o» (I Reis 18:21).

Nos dias de Cristo, o vacilante Pilatos intimou a multidão enfurecida com a seguinte pergunta: «Qual quereis que vos solte? Barrabás, ou Jesus, chamado Cristo?» (Mat. 27:17).

Nos quase 2000 anos que passaram desde que o ódio enviou o Filho de Deus para o Calvário, homens e mulheres, rapazes e meninas, manifestos pecadores, santos vacilantes e cristãos laodiceanos têm sido chamados a escolher entre Cristo e Barrabás, entre vida e morte, entre mornidão professa e zelo cristão.

Hoje, o laodiceano Adventista do Sétimo Dia tem também uma decisão que tomar. Esta geração pode ser mais sofisticada, mas a questão é a mesma: «a vida e o bem, e a morte e o mal». É tão verdadeiramente uma escolha entre Cristo e Barrabás como o era há dois milénios. Nunca poderemos levar a nossa auto-satisfação, a nossa auto-ilusão, a nossa cegueira e a nossa nudez para o reino de Deus, onde não existe pecado.

«A Testemunha Fiel e Verdadeira» diagnosticou a nossa enfermidade. Na nossa condição nauseante de mornidão, estamos condenados, sendo evidente a nossa necessidade da justiça de Cristo, de fé, discernimento espiritual e re-

novado zelo. Agora, Cristo está à porta do coração laodiceano, pronto a entrar, pronto a suprir toda e qualquer necessidade com a Sua preciosa presença.

Vida ou morte. Cristo ou Barrabás. A decisão é nossa. Enquanto decidimos, a eternidade está em jogo. Cada Adventista morno tem de fazer a sua decisão.

Não é Usada Força

Depois de dirigir uma severa admoestação à Sua igreja laodiceana, Jesus fala-lhe em termos encorajantes. Diz-lhes novamente que os ama: «Eu repreendo e castigo a todos quantos amo; sê, pois, zeloso, e arrepende-te» (Apoc. 3:19). Não há distância que o Salvador não esteja pronto a percorrer para reclamar os Seus mornos filhos. Mas temos de tomar a decisão que O convida para a nossa vida.

«Eis que estou à porta, e bato: se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa» (v. 20). O laodiceano tem de fazer uma escolha decisiva. Ele ouve a voz. Abrirá ou não a porta? Jesus bate à porta terna e amorosamente. Ele deseja entrar, mas espera a nossa decisão.

«Jesus não forçará a abrir a porta. Sois vós que a tendes de abrir e mostrar que desejais a Sua presença, dando-Lhe sinceras boas-vindas. Se todos tivessem feito uma completa obra de purificar-se do lixo do mundo e de preparar um lugar para Jesus, Ele teria entrado e habitado convosco, e teria feito uma grande obra por vosso intermédio, para a salvação de outros» (*Testimonies*, vol. 2, p. 217).

Se tomarmos a decisão certa, se convidarmos o Salvador para as nossas vidas, a Palavra de Deus oferece-nos aceitação, paz e vitória nesta vida e incedível glória na vida por vir. «O que vencer será vestido de vestes brancas, e de maneira nenhuma riscarei o seu nome do livro da vida, e confessarei o seu nome diante do meu Pai e diante

dos seus anjos.» «A quem vencer, eu o farei coluna no templo do meu Deus e dele nunca sairá» (Apoc. 3:5, 12). Eis a certeza de um inestimável privilégio: na Terra, agora feita de novo, eles «seguem o Cordeiro para onde quer que vá» (Apoc. 14:4).

Se mantivermos a porta fechada, se recusarmos dar-Lhe entrada, não rejeitaremos apenas uma mensagem: rejeitaremos o Salvador da humanidade. Não voltamos as costas a *um* caminho: recusamos andar *no* Caminho. Não falharemos em aceitar *uma* verdade: desdenhamos a Verdade. Não é *uma* vida que rejeitamos é a Vida que recusamos.

«Eu sou o caminho, a verdade, e a vida», diz Jesus. «Ninguém vem ao Pai senão por mim» (João 14:6). Não há muitos caminhos para o reino de Deus; há apenas um — o caminho de Jesus. «E em nenhum outro há salvação, porque também, debaixo do céu, nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devemos ser salvos» (Actos 4:12).

Qual o nosso destino final se rejeitarmos a mensagem da Testemunha Fiel e Verdadeira? «Os céus e a terra tomo, hoje, por testemunhas contra vós, que te tenho proposto a vida e a morte, a bênção e a maldição» (Deut. 30:19). Falhar em abrir a porta do nosso coração a Jesus significa apenas uma coisa: «O salário do pecado é a morte» (Rom. 6:23), a morte que não tem ressurreição, a morte que é separação eterna de Deus. O laodiceano impenitente e não revivificado, juntamente com os perdidos de todas as eras, será contado entre aqueles a quem «está eternamente reservada a negrura das trevas» (Judas 13).

No fim do milénio, vós e eu havemos de estar num de dois grupos: ou entre os que se encontram dentro da cidade, ou com os que estão de fora. «E [os perdidos] subiram sobre a largura da terra, e cercaram o arraial dos santos e a cidade amada; mas desceu fogo do céu, e os devorou» (Apoc. 20:9). As decisões que tomarmos hoje podem fazer que sejamos contados com o vasto exército dos perdidos.

Uma Escolha Melhor

Há uma escolha melhor e mais luminosa. Vós e eu podemos estar entre o exército dos remidos na gloriosa terra do Senhor, se assim o escolhermos. «E vi um novo céu e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. E eu, João, vi a santa cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, adreçada como uma esposa ataviada para o seu marido. E ouvi



ENQUANTO O MEU
AMORÁVEL JESUS
FIZER CHEGAR ES-
TA MENSAGEM A
LAODICEIA, TUDO
ESTARÁ BEM!

uma grande voz do céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus. E Deus limpará dos seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas» (Apoc. 21:1-4). Ó dia glorioso!

«Se alguém ouvir a minha voz», diz o Salvador (Apoc. 3:20). «Alguém» inclui todos. É o «todo aquele» de João 3:16. Inclui laodiceanos de todas as terras, de todas as tribos, de todas as culturas, de todas as raças. Nem uma única pessoa precisa de ficar sem o amorável auxílio que Jesus anseia conceder — se tão-somente decidir abrir a porta

do seu coração e deixar Jesus entrar!

O Convite

Jesus anseia que tomemos a decisão certa. Espera que Lhe abramos a porta através do arrependimento e da fé. «Se abrires...entrarei». «Vivo eu, diz o Senhor Jeová, que não tenho prazer na morte do ímpio, mas em que o ímpio se converta do seu caminho, e viva: converti-vos dos vossos maus caminhos; pois, por que razão morrereis, ó casa de Israel?» (Ezeq. 33:11).

O poder de Jesus para ajudar-nos não deixa margem para fracassos. Nada foi descurado — Ele é o nosso Criador, o nosso Exemplo, o nosso Senhor, o nosso Salvador, o nosso Cristo ressurrecto e o nosso Rei Vindouro. Que mais poderia Ele fazer por nós? A decisão de Lhe abriremos a porta do nosso coração não deveria ser difícil de fazer.

É vitalmente importante que façamos a decisão certa nestas horas de crise. A mensageira do Senhor lembra-nos que «num momento podem ser feitas decisões que fixem a condição de alguém para sempre» (*A Ciência do Bom Viver*, p. 510). Jesus apela à porta do nosso coração.

Permitir-Lhe-á que entre hoje, agora, neste preciso momento — e que fique para todo o sempre?

Fim

Robert H. Pierson, antigo presidente da Conferência Geral (1966-1979), faleceu no dia 21 de Janeiro de 1989. Esta série de artigos, que agora concluímos, é uma valiosa colaboração e apelo à Igreja Adventista que ele tanto amou.

É Possível Reduzir as Apostasias

EZEQUIEL QUINTINO

«E, por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos esfriará. Mas aquele que perseverar até ao fim será salvo.» (Mat. 24:12 e 13).

De todas as palavras usadas no vocabulário adventista, a mais horrível é, certamente, APOSTASIA. Só o pensar nela causa calafrios, e a triste realidade do facto provoca um certo temor sem esperança. Dispersos pelos 184 países onde a Igreja Adventista do Sétimo Dia está implantada, existem dezenas de milhares — talvez centenas de milhares — de ex-adventistas.

Sobressaltamo-nos com os 80.000 que abandonaram a fé em 1977¹, apesar da Igreja Adventista ter sido classificada em segundo lugar, entre as dezasseis igrejas que mais cresceram na década de 1965-1975². Ficamos apreensivos por aqueles que se alegraram connosco na «bem-aventurada esperança» mas que um dia quebraram o seu compromisso com Jesus, mesmo que Dean Kelley (pastor metodista) considere os Adventistas do Sétimo Dia uma igreja forte³.

Sabemos que a apostasia não é um fenómeno religioso limitado apenas ao final do século XX. Houve apostasias desde a saída do Éden (Caim), entre o povo de Israel (Coré, Datã, Abirã), nos dias de Jesus (Judas), na igreja primitiva e ao longo dos séculos.

Também não ignoramos que o número de apostasias na Igreja Adventista é muito menor do que em muitas outras igrejas. E estamos conscientes de que o inimigo certamente gostaria de ver uma percentagem bem mais elevada. Devido a isto, no entanto, não é motivo para afrouxar o esforço na proclamação das três mensagens.

Entretanto, a apostasia é e será sem-

pre má. Ela contribui para o declínio — não para o crescimento — da igreja. Então põe-se a questão: Que fazer? Se pretendemos que o crescimento da igreja seja real, devemos encontrar métodos eficazes de prevenção e reparação da apostasia, a fim de enfrentar o problema.

É absolutamente indispensável, para a missão da Igreja, controlar a apostasia. Um membro que não apostata contribui tanto para o crescimento da igreja como um novo converso. Muitas igrejas adventistas, à volta do globo, estão baptizando novos conversos, mas não crescem. Assim, pesquisa recente revela que todo o programa para o crescimento da igreja tem de tratar com a componente 'apostasia' para obter êxito efectivo⁴.

Declínio

As igrejas podem experimentar declínio de três maneiras:

1. *Por Transferência*, quando membros mudam e é feita a transferência por carta para outra igreja na nova zona de residência. Condições económicas podem forçar membros de igreja a mudanças para procurar trabalho noutra lugar. Jovens podem deslocar-se para prosseguirem os estudos. Um grupo de crentes pode ir formar uma nova congregação noutra área. Assim, cada igreja deverá analisar cuidadosamente as transferências para determinar as razões que as motivaram, não se dê o caso da congregação estar a falhar em atingir as necessidades espirituais de alguns dos seus membros.

2. *Por Morte*. Isto está fora do controlo da igreja, a menos que esta tenha deixado de realçar a mensagem da temperança, e se verifique que algu-

mas mortes tenham como uma das causas a intemperança.

3. *Por Apostasia*. Esta é a mais trágica de todas as perdas. Envolve mais do que simples números estatísticos. Cada caso representa um ser humano passando do caminho da vida para o da morte.

Correlações da Apostasia

O fenómeno «apostasia» é bastante complexo e difícil de interpretar. Geralmente, os passos que levam uma pessoa a rejeitar a sua relação com Jesus e com a igreja são graduais e acontecem num período de tempo mais ou menos extenso.

Também, desde o momento em que um membro deixa a igreja e aquele em que a congregação desliga o seu nome dos registos, verifica-se um intervalo de tempo que, nalguns casos, chega a ser de vários anos.

Apesar de todas estas pesquisas e estudos se realizarem nos Estados Unidos da América, pensamos que muito poderemos beneficiar das conclusões, mesmo ignorando os números e as percentagens na Europa e, nomeadamente, em Portugal.

Desta forma, a apostasia pode mostrar uma estreita relação com as cinco variáveis seguintes: estilo de liderança, envolvimento dos novos membros, ambiente, vida devocional e normas.

1. *Estilo de liderança*. Se o pastor é mais democrático e permite uma participação maior da parte dos membros no planeamento da igreja, as apostasias descem.

2. *Envolvimento dos novos membros*. Se a igreja envolve rapidamente os recém-convertidos na vida e ministério da congregação, em vez de ignorá-los, as apostasias tendem a diminuir.

3. *Ambiente*. Quando os membros consideram o ambiente da igreja caloroso e amigável, as apostasias decrescem.

4. *Vida devocional*. Em igrejas onde uma larga percentagem de membros faz diariamente um estudo pessoal da Bíblia (meditações matinais, vespertinas, escola sabatina, p. ex.), encontramos poucas apostasias.

5. *Normas*. Quando os membros sentem que a sua igreja mantém altos os padrões da fé adventista, normalmente não se observam apostasias ⁵.

Reduzindo as Apostasias

A Igreja registará crescimento real — espiritual ou interno e numérico ou externo — quando controlar e reduzir ao mínimo a apostasia ⁶. Poder-se-á atingir este ideal estimulando a vida espiritual dos membros, envolvendo-os activamente na vida interna e externa da igreja e criando um ambiente caloroso, amigável, de cuidado e amor dentro da igreja.

De imediato, duas classes de pessoas devem ser contactadas e entrevistadas:

a) aqueles cujos nomes a igreja eliminou dos registos por razões de apostasia, e

b) aqueles que ainda são oficialmente membros de igreja mas que a não frequentam.

O objectivo da visita é *escutá-los*, a fim de encontrar o que motivou a sua separação da igreja. É na medida em que descobrimos onde falhámos no passado que poderemos saber como proteger «o rebanho de Deus» no futuro ⁷.

Em conclusão, o crescimento é fundamental para o bem-estar da igreja. Não significa baptizar qualquer pessoa e avançar rapidamente para novas conquistas. Crescimento da igreja inclui confrontar seres humanos perdidos com os apelos de Jesus Cristo, levando-os a uma decisão, alimentando-os no seu crescimento espiritual, incorporando-os como membros responsáveis do corpo da igreja, inspirando-os a dedicar o resto das suas vidas a partilhar a sua nova fé com outros, sendo assim coobreiros de Deus no estabelecimento do Seu reino na terra.

- 1 Citado por R. Edward Turner em *Servants for Christ: The Adventist Church Facing the '80s*, livro colectivo, Andrews University Press, Berrien Springs-Michigan, 1980, p. 143.
- 2 Nos E.U.A. as Assembleias de Deus registaram 37% de crescimento contra 36% da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Ver Dean R. Hoge & David A. Roozen, *Understanding Church Growth and Decline: 1950-1978*, The Pilgrim Press, New York, 1979/1981, p. 179-197.
- 3 No seu livro *Why Conservative Churches Are Growing: A study in Sociology of Religion*, Harper & Row, New York, 1972 (1.ª edição) e 1977 (2.ª edição actualizada).
- 4 Estudos efectuados por Roger L. Dudley e DesCumings, Jr. Ver também destes mesmos autores, *Adventures in Church Growth*, Review & Herald Publishing Association, Washington, 1983, p. 135-136.
- 5 *Ibid.*, p. 136-137.
- 6 Eliminar por completo a apostasia será impossível. Deduzimos isto das parábolas de Jesus sobre o joio (Mat. 13:24-30 e 36-43) e a rede (Vs. 47-50). O apóstolo João também confirma que o Inimigo leva alguns para a igreja, porque «eles saíram do nosso meio, entretanto não eram dos nossos; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco» (I João 2:19).
- 7 O «Institute of Church Ministry — ICM» (Instituto dos Ministérios da Igreja, que funciona desde Novembro de 1979 como uma secção do Seminário Teológico na Universidade de Andrews) elaborou um modelo de entrevista, devidamente testado e usado em estudos de pesquisa desta natureza desde 1982. Seria útil colocar este material à disposição das igrejas adventistas em Portugal para ser usado a fim de prevenir e reparar, se possível nalguns casos, a apostasia. Uma cópia deste material encontra-se no livro de R. L. Dudley & DesCumings, Jr., *op. cit.*, p. 138-146.

Ezequiel Quintino é pastor das igrejas de Avintes e Canelas e administrador do Colégio Adventista do O. Douro.

CAMPANHA DAS MISSÕES

A nossa contribuição nesta actividade é útil e necessária. Excertos de uma carta do Uganda dão-nos conta da aplicação de uma parte dos fundos da Campanha de 1987

Uganda! Ainda não há muito, este país africano estava em foco na comunicação social devido aos desmandos e horrores cometidos pelo seu célebre presidente Idi Amin Dada. Após o seu derrube, o país conheceu outro desenvolvimento sob impulso de um novo governo, cujo primeiro-ministro, Dr. Samuel Kisseka, é membro da nossa Igreja.

O Uganda está situado na África Central e vai de um lado ao outro do Equador. Possui uma superfície de 236.036 Km² e 13.246.473 habitantes, 60% dos quais são cristãos. A nossa obra

está ali bem activa. A Igreja regista 41 000 membros repartidos em 190 congregações, bem activas no testemunho cristão.

Uma parte dos fundos da Campanha das Missões de 1987 tiveram como destino o Uganda e foram usados na construção de um centro médico na capital, Campala. Desejamos transmitir a todos os membros os mais calorosos agradecimentos da União do Uganda. Transcreveremos a seguir alguns excertos de uma carta do ir. Hudson Kibuuka, departamental de Comunicações:

«Um dos maiores desafios no Uganda é sem dúvida a obra médica, especialmente na capital. Grande parte da população tem necessidade de cuidados médicos. Por isso, desde há muito surgiu a ideia de estabelecer um centro médico em Campala. A concretização do mesmo teve lugar com uma parte dos fundos da Campanha das Missões de 1987 e o centro já está operacional. Compõe-se de salas de consulta e de espera, de gabinetes de atendimento médico, além de recepção e secretaria. O centro possui também uma unidade cirúrgica já em funcionamento.

«A contribuição da Divisão Euro-Africana permitiu não só a aquisição de matéria de construção, mas também os indispensáveis equi-

pamentos, importados do Quénia.

«Presentemente, o Centro Médico Adventista de Campala participa numa vasta acção de vacinação patrocinada pelo Governo, com o objectivo de reduzir a mortalidade infantil. Outros dispensários adventistas, espalhados pelo país, participam também neste programa.»

Deste modo, o centro médico de Campala está contribuindo de maneira concreta para a «cura das nações». Que privilégio nós temos de participar de maneira activa, ano após ano, neste grande empreendimento missionário da Igreja! A nossa contribuição será sempre útil e necessária.

Ulrich Frikart
Departamental dos Ministérios
a Igreja, D.E.A

Para compreender melhor Ellen G. White — 3

— Do Séc. XIX à era espacial

G. STÉVENY

Os que escreveram sob impulso do Espírito Santo tiveram que formular, no seu próprio vocabulário e estilo, os pensamentos que lhes foram inspirados. Quando nos seus escritos surgem aparentes contradições, convém, por conseguinte, seguir determinadas regras antes de definir o que o profeta quis dizer. Assim, no artigo precedente, recomendámos reunir todas as afirmações do escritor sobre um mesmo assunto antes de tirar qualquer conclusão.¹

Apresentamos hoje a segunda regra sugerida pelo professor Jemison: «Se uma declaração parece em contradição com o pensamento habitual do autor, estudar o contexto interno e externo a fim de superar a dificuldade.»

Eis algumas aplicações deste princípio, propostas por Roger W. Coon, secretário-adjunto da Fundação Ellen G. White, da Conferência Geral. E para começar, precisemos o significado da regra.

Chama-se *contexto interno* àquilo que o autor escreveu imediatamente antes e imediatamente depois da dificuldade em questão. O *contexto externo* responde a perguntas tais como: A quem se destina o texto? Quando e porquê foi escrito? A que circunstâncias foi devido?

O problema do contexto pode ser extremamente importante, sobretudo quando se trata de compilações sobre determinados temas. As referências indicadas nem sempre permitem estabelecer com precisão o seu contexto. E às vezes, as citações são reunidas de maneira tal que sugerem conclusões completamente diferentes daquelas que o autor propõe.

Para evitar possíveis mal-entendidos, há pessoas que se recusam a tomar em consideração toda e qualquer compilação dos escritos de Ellen White, mes-

mo quando preparadas pela Fundação de Washington. Este é outro extremo. Tais pessoas ficam bem surpreendidas ao saberem que um dos três deveres impostos pela irmã White aos depositários dos seus escritos foi, precisamente, preparar tais compilações!

Gente bem intencionada, que recusa qualquer livro «que ela não tenha escrito como livro», fica perturbada quando descobre que a própria Ellen White supervisionou várias compilações dos seus escritos. Por exemplo, o maravilhoso livro *O Desejado de todas as Nações* não foi composto como se escreve habitualmente um livro, capítulo após capítulo. Esta incomparável obra sobre a vida de Jesus é uma compilação!

Quando Ellen White e sua principal assistente, Mariana Davis, empreenderam o «Projecto da Vida de Cristo», pois assim foi primeiramente chamado, elas reuniram tudo quanto Ellen tinha escrito sobre Jesus: sermões, ensaios, capítulos de livros, manuscritos não publicados e até fragmentos de correspondência. Estes diversos textos foram colocados por ordem cronológica. A seguir, a irmã White dedicou-se:

1. A preencher os vazios
2. A reescrever o que não estava claro.
3. A desenvolver determinadas partes nos casos em que visões suplementares tinham enriquecido a sua anterior compreensão.

Nestas circunstâncias, *O Desejado de Todas as Nações* é, de facto, uma compilação.

Por outro lado, é também verdade que a irmã White protestou energicamente contra os abusos e maus usos dos seus escritos utilizados sob a forma de compilações que já no seu tempo se faziam. Em 1901, por exemplo, escreveu: «Sei que muitos homens tomam os testemu-

nhos que o Senhor tem dado, e aplicam-nos como lhes parece que deviam ser aplicados, pegando uma sentença aqui e ali, tirando-a de sua devida ligação, e aplicando-a segundo a sua ideia. Assim ficam pobres almas perplexas quando, pudessem elas ler em ordem tudo quanto foi dado, veriam a verdadeira aplicação e não ficariam confundidas. Muita coisa que pretendem ser mensagem da irmã White serve o desígnio de representar mal a irmã White, fazendo-a testificar em favor de coisas que não estão em harmonia com seu espírito ou juízo. Isto torna sua obra muito probante. Voam notícias de uns para outros acerca do que a irmã White disse. Cada vez que a notícia é repetida, vai aumentando. Se a irmã White tem alguma coisa a dizer, deixai-a dizê-la. Ninguém é chamado a ser porta-voz da irmã White... Tende a bondade de deixar a irmã White apresentar a sua própria mensagem.» — *Mensagens Escolhidas*, livro I, pp. 44, 45.

Ellen White reconhece claramente que o contexto de uma declaração pode influenciar a compreensão do leitor. Reflecti nas seguintes palavras: «Quanto aos testemunhos, coisa alguma é ignorada; coisa alguma é rejeitada; o tempo e o lugar, porém, têm de ser considerados.» — *Ibid.*, p. 57.

Em 1875, declarou também: «Tais coisas ditas de homens em certas circunstâncias não são verdadeiras noutras circunstâncias.» — *Testimonies*, vol. 3, p. 470.

James White, marido de Ellen White, respondendo a uma pergunta a respeito dos problemas que sua mulher tinha de enfrentar ao dar conselhos à igreja, escreveu um artigo na *Review and Herald*, em 1868, mostrando a importância de o leitor saber a quem, quando e porquê certas observações de Ellen White tinham sido feitas.

«Ela trabalha contra o seu interesse. Com efeito, dirige ao povo apelos ferrosos de que alguns se ressentem profundamente, tomando posições firmes e extremistas. Então, para salvar a causa da ruína devido a esses extremos, ela é obrigada a dirigir admoestações públicas a esses extremistas. Mas os extremistas, por um lado, e as admoestações por outro lado, são prejudiciais à causa e trazem à irmã White uma triplíce preocupação. O que ela quer dizer para incitar os mornos é recuperado pelos ferventes para os conduzir para além dos limites. E o que ela quer dizer para reter os ferventes, os zelosos, os imprudentes, serve de desculpa aos pusilânimes para ficarem demasiado longe para trás.» — *R.H.*, 17 de Março de 1868.

Vejamos agora alguns casos em que a aplicação da segunda regra de Jemison permite compreender melhor o significado das palavras do profeta.

É pecado rir?

Poderia pensar-se que sim ao ler a seguinte declaração: «Cristo chorou frequentemente, mas nunca é mostrado a rir-se... Imitai o exemplo divino, sem pecado.» Trata-se de uma frase tirada de uma carta escrita a uma irmã em plena dificuldade no plano espiritual. Ela não aprendera a controlar a sua língua e tomava a liberdade de dizer tudo o que lhe vinha à cabeça. Do seu ponto de vista, era a verdadeira maneira de não ser hipócrita!

Ellen White cita-lhe a famosa passagem de Tiago 3:2-18, acrescentando: «Minha irmã, a irmã fala demasiado... A sua língua fez muito mal... O seu carácter deve mudar completamente. A língua deve ser dominada. As suas palavras devem ser seleccionadas, bem escolhidas... A irmã troça, brinca e a seguir desata a rir...» *Manuscrito 11*, 1868.

Uma tal pessoa precisava de aprender a refrear a sua língua. No contexto, Ellen White escreve: «Cristo é o nosso exemplo... Cristo chorou frequentemente, mas nunca é mostrado a rir-se.» E a autora acrescenta de imediato: «Eu não pretendo que seja pecado rir-se em certos momentos.» Estas últimas palavras tinham sido substituídas por reticências! Algumas linhas mais adiante, a irmã White acrescenta ainda: «O bom humor cristão não é condenado nas Escrituras, mas as observações irreflectidas devem ser evitadas.»

Por conseguinte, a irmã White não considerou pecado o rir-se, tomando Cristo por testemunho. A maneira como a citação foi apresentada deformou o seu pensamento.

2. É pecado usar aliança?

Há apenas publicada uma declaração a este respeito. Não se pode, portanto, utilizar a primeira regra de Jemison, a qual consiste em reunir todas as citações sobre um mesmo assunto. Experimentemos o segundo princípio: examinar o contexto interno e externo.

Foi na Austrália que Ellen White se pronunciou a este respeito, em 1892. Dirigia-se a membros de igreja e pastores, a missionários americanos que trabalhavam na Austrália e também a americanos que viviam na sua própria pátria. Aos missionários americanos que trabalhavam na Austrália, ela diz que o uso de aliança não se impõe. Este costume, obrigatório na Grã-Bretanha, era menos imperativo na América. Sendo assim, o uso de aliança nos Estados Unidos podia ser considerado como um «processo de fermentação que parece estar em andamento entre nós, na conformidade com o costume e a moda». A recomendação é clara: «Não deveríamos [nós, Adventistas americanos] gastar um centimo para comprar esse aro de ouro para testificar que somos casados.»

Em contrapartida, falando aos australianos, Ellen White tem outra mensagem, reconhecendo que o costume é imperativo noutras partes do mundo. É normal ter em conta estas particularidades. E se se usa a aliança, deve-se fazê-lo legitimamente e em boa consciência.

3. É errado dizer «Estou salvo»?

A má imagem de si mesmo faz hoje estragos no mundo. Ela é frequentemente acompanhada do temor de se estar perdido. Sendo assim, não será nada animador ler as seguintes declarações:

«Nunca se deve ensinar aos que aceitam o Salvador, conquanto sincera a sua conversão, que digam ou sintam que estão salvos. Isto é enganoso.» — *Parábolas de Jesus*, p. 155.

[O homem] «não deve nunca atrever-se a dizer: 'Estou salvo' — *Mensagens Escolhidas*, livro I, p. 314.

O contexto imediato destas declarações torna claro o pensamento, que não é o que à primeira vista poderia supor-

-se. Ellen White exprimia-se em relação directa com a falsa doutrina de «Salvo uma vez, salvo para sempre», conhecida em teologia como a doutrina da segurança eterna. Mas voltemos aos textos. No primeiro, a irmã White descreve a presunção de Simão Pedro. As suas vaidosas palavras no jardim do Getsemani tinham preparado a sua vergonhosa traição no pátio de Caifás, na manhã seguinte, bem cedo. Mas Pedro arrependeu-se e Jesus reabilitou-se diante dos apóstolos. «O discípulo outrora inquieto, jactancioso, confiante em si mesmo, tornara-se submisso e contrito.» — *Parábolas de Jesus*, p. 154.

Notemos as três frases que precedem a afirmação que estamos a tratar: «A queda de Pedro não foi repentina, mas gradual.» A confiança em si mesmo induziu-o à crença de que estava salvo, e desceu passo a passo a vereda descendente até negar a seu Mestre. Jamais podemos confiar seguramente em nós mesmos, ou sentir, aquém do Céu, que estamos livres de tentação. Nunca se deve ensinar aos que aceitam o Salvador, conquanto sincera a sua conversão, que digam ou sintam que estão salvos. Isto é enganoso.» — *Ibid.*, pp. 154, 155.

E agora continuemos a nossa leitura: «Deve-se ensinar cada pessoa a acariciar esperança e fé; mas, mesmo quando nos entregamos a Cristo e sabemos que Ele nos aceita, não estamos fora do alcance da tentação...

«Os que aceitam a Cristo e dizem em sua primeira confiança: Estou salvo! estão em perigo de depositar fideducía em si mesmo. Perdem de vista a sua fraqueza e necessidade constante do poder divino. Estão desaparecidos para as ciladas de Satanás, e quando tentados, muitos, como Pedro, caem nas profundezas do pecado. Somos advertidos: 'Aquele pois que cuida estar em pé, olhe não caia! A nossa única segurança está na constante desconfiança de nós mesmos e na confiança em Cristo.» — *Ibid.*, p. 155.

Voltemos à segunda citação tirada de *Mensagens Escolhidas* e leiamos-la no seu contexto imediato: «Jamais devemos repousar num estado de satisfação e deixar de fazer progresso, dizendo: 'Estou salvo.' Se é entretida esta ideia, deixam de existir os motivos para a vigilância, a oração, o esforço sincero em seguir para a frente, rumo de consecuições mais elevadas. Nenhuma língua santificada

ÁREA DE LISBOA



Estatística Colheita 90

(Julho 1985 a Dezembro 1988)

	Baptismos	Número actual de membros
Almada	7	95
Amadora	22	259
Baixa da Banheira	14	97
Barreiro	24	117
Cascais	17	139
Corroios	8	37
Lisboa-Alvalade	25	219
Lisboa-Central	72	219
Lisboa-G. Roçadas	19	98
Odivelas	40	134
Paivas	8	59
Queluz	17	92
Reboleira	5	70
Sintra	17	67
Total	295	2 141

Escritórios da União

Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Tel. (01) 542169-542140

Conselho Missionário da Área de Lisboa

1. Obreiros de todas as igrejas.
2. Primeiro ancião de cada igreja.
3. Directores da Sociedade Missionária
4. Um responsável da Escola

Conselho da Juventude da Área de Lisboa

1. José Carlos Costa
2. Joaquim Infante
3. Isabel Miranda
4. Jorge Pires
5. Enoc Silva
6. Álvaro Torres

Elementos Representativos da Área de Lisboa

1. Conselho do Lapi: *Pedro Brito Ribeiro*
2. Conselho de Publicações: *José Baptista*
3. Conselho da União:

Objectivos

1. Abertura de salas em:

- Algés/Oeiras
- Sacavém
- Casal de Cambra

2. Colportagem

Há vários colportores em cujas áreas não existem salas ou trabalho missionário.

Cada um deveria ter como alvo concretizar, até ao fim da colheita 90 (Junho 1990), a abertura de um foco de luz no seu território.

3. Escolas

Reconstrução do Colégio de Lisboa

4. Evangelização

Realização de Planos de 5 Dias, Seminários de Apocalipse, de Daniel, de Stress, etc. de Setembro a Dezembro de 1989.

Responsável: Pastor *Brad Thorp*

Escolas

Externato Adventista de Lisboa

R. Ponta Delgada, 1
1000 Lisboa
Tel. (01) 545455

Director:

Horácio Caprichoso

Professores do Ensino Secundário:

Odete Almeida, Margarida Cachão, Horácio Caprichoso, Carlos Dias, Maria Clara Dias, Tálida Freitas, Maria Augusta Lopes, Daniela Nunes, Júlio Carlos dos Santos, Isabel Vicente.

Professores do Ensino Primário:

Dália Mateus, Maria José Marvão, Maria Júlia Andrade.

Pessoal Auxiliar:

Cozinha: *Vitória Sousa, Rosa Antunes*
Vigilância: *Luísa Alcântara, Maria José Costa, Maria Odete Santos.*

Alunos Inscritos:

Secundário: 116
Primário: 48

Conselho Escolar:

J. Morgado, J. Gomes, H. Caprichoso, Rogério Costa, Carlos Dias, Maria José Marvão.

Instituições

Centro Médico Adventista

Vivenda Coelho, Estrada Principal
Casal de Cambra — Caneças
2675 ODIVELAS
Tel. (01) 9803857

Director do Centro:

Dr. Daniel Esteves

Enfermeira:

Fernanda Lemos

Média de Pacientes Atendidos em 1988: 600

Publicadora Atlântico, S.A.R.L.

R. Salvador Allende, lt. 18-2.º
2685 SACAVÉM
Telef. (01) 2510844-2525910
Telex: 65114 PUBATL P

Director:

Joaquim Sabino

Contabilidade e Tesouraria:

Maria Ivone Alho

Chefe de Serviços:

João Quitério

Secretária de Gerência:

Lina Costa

Controlo de Assinantes:

Saúde e Lar:

Maria Manuel Francisco

Nosso Amiguinho e Revista Adventista:

Maria Antónia Santos

Livraria da Rua Joaquim Bonifácio

Responsável: *Susana Bessa*

Conselho Directivo:

Joaquim Morgado, Joaquim Sabino, José Carlos Costa, Fernando Ferreira, Juvenal Gomes, Carlos Mateus, Alberto Nunes.

Escola de Colportagem

Quinta do Carmelo
Vale de Lobos — Sintra
Tel. (01) 9273613

Director:

Fernando Ferreira

Cursos de Iniciação e Reciclagem.

Colportagem

Adjunto do Departamento Responsável pela Área de Lisboa: *José Baptista*

Colportores e suas áreas:

Acácio Santos (acr) — Sintra, Mem Martins, Pero Pinheiro, Cacém.

José Baptista (acr) — Queluz, Oeiras, Parede, Linda-a-Velha

António Correia (acr) — Loures, Sacavém, Odivelas, Moscavide, Pontinha

Francisco Monteiro (acr) — Amadora

Florinda Cabrito (oca) — Seixal

João Orrico (oca)

Maria Orrico (oca)

José Teixeira (acr) — Barreiro, Moita, Montijo, Alcochete

Daniel Cem (acr) — Lisboa

Francisco Carvalho (acr) — Mafra, Ericeira, Malveira, Vila Franca, Póvoa de St. Iria, Azambuja, Alcoentre

Eurico Dias (acr) — Lisboa

Jaime Batalha (aut) — Lisboa

António Morais (acr) — Lisboa

Hélio Vasques (aut) — Lisboa e Caldas da Rainha, Óbidos, Peniche, Lourinhã, Cadaval

Amália Costa (oca) — Lisboa

Luis Pinto (oca) — Almada, Monte Caparica, Santarém, Rio Maior, Cartaxo, Almeirim, Alpiarça, Coruche, Salvaterra de Magos, Benavente, Chamusca

Fátima Vieira (oca) — Lisboa

Oremos uns pelos Outros

PIETRO COPIZ

A experiência pessoal vivida pelo Pr. Pietro Copiz leva-o a tecer algumas considerações sobre o poder e benefícios da oração de intercessão.

Como o sol que se ergue sob o denso nevoeiro que cobre o mar, começo a ganhar consciência, após uma intervenção cirúrgica que exigiu várias horas de anestesia. A luz está ainda difusa. Encontro-me deitado numa sofisticada cama de hospital. Quase uma dúzia de tubos, de tamanhos diferentes, estão ligados ao meu corpo, seja para me manterem vivo, seja para dele eliminarem o que possa impedir-me de continuar a viver. Não muito longe de mim, ouço os sinais de um companheiro de dor desconhecido. Ele e eu partilhamos esta unidade de cuidados intensivos. A passagem do tempo é marcada pelo ritmo incessante dos monitores das funções vitais a que estou ligado. Não posso mexer-me. Não posso ler. Não posso pensar.

A minha primeira reacção é agradecer a Deus: continuo vivo! Então, o pensamento de que não estou sozinho nesta luta ganha mais força. Recordo a família, os amigos, os muitos membros de igreja que estão orando por mim. Como pontos luminosos em noite escura, as suas orações brilham através das trevas que poderiam oprimir a minha alma, mas que, em vez disso, aquecem o meu coração. Uma vez mais, o poder divino da oração está em acção. Sinto o aparo e o conforto que, como membros do mesmo corpo, nos ligam uns aos outros e a Cristo.

Quem Beneficia da Oração de Intercessão?

Esta experiência não é, de forma alguma, excepcional. Muitos são os que

sabem o que é ser alvo de orações de intercessão e o favor que inúmeras orações, interpretadas pelo Espírito Santo, alcançam junto do nosso Pai Celestial. Claro que há orações com diversos objectivos: projectos materiais, programas evangelísticos, solução de problemas e crises, etc. Mas é mais fácil identificar-se alguém, de uma maneira visceral, com outros seres humanos e pedir por eles quando se encontram doentes ou em dificuldade. Finalmente, quem beneficia das orações de intercessão?

O primeiro beneficiário é aquele que intercede. Ele atravessa os muros de potenciais indiferenças, esquece-se de si mesmo, escapa à tendência natural do egocentrismo e concretiza na sua vida um dos mais puros ideais do Cristianismo prático: fazer algo pelos outros, de acordo com a vontade de Deus. Ele torna-se consciente da interdependência dos crentes através da fé: não precisamos de viver como ilhas dispersas, nem enfrentar as tempestades da vida em sombrio isolamento; podemos resistir e vencer juntos, como uma equipa.

O intercessor compreende que um coração puro é requisito básico para ir junto ao trono da misericórdia em oração e súplicas. Por esta razão, ele purifica-se a si mesmo, a fim de eliminar todo o obstáculo que pudesse impedir uma resposta às orações. Entra numa mais íntima comunhão com Deus e esforça-se por cumprir a Sua vontade.

Há cristãos sinceros que às vezes se interrogam sobre o que poderiam fazer em favor dos outros e chegam até a duvidar da sua utilidade. Pois bem, os que assim pensam podem alegrar-se. A oração é um dos mais simples dons espirituais. Todavia, encontra-se também entre os mais nobres, tal como o tempo. É certo que algumas pessoas têm mais tempo do

será encontrada pronunciando estas palavras antes que venha Cristo, e entremos pelas portas da cidade de Deus. Então, com a maior propriedade, poderemos dar glória a Deus e ao Cordeiro, pelo livramento eterno. Enquanto o homem estiver carregado de fraqueza — pois por si mesmo não pode salvar a alma — não deve nunca atrever-se a dizer: 'Estou salvo'.» — *Mensagens Escolhidas*, livro I, p. 314.

Nos dois casos é bem a doutrina antitibblica da falsa segurança que é visada. Mas Ellen White sabia também que os cristãos podem ter a certeza da vida eterna graças à presença de Cristo na sua marcha diária: «É privilégio de quem toma parte num ou noutra aspecto da obra do Senhor (leigo ou empregado) de saber que os seus pecados estão perdoados, e de acolher com alegria a certeza de uma vida melhor no além... Considerando a esperança e a certeza das promessas de Cristo, como não ser feliz?» — *Carta 299*, 1905.

«Se estais em ordem com Deus hoje, estais preparados se o Senhor voltasse hoje.» — *Carta 36*, 1901.

A última carta escrita por Ellen White, treze meses antes da sua morte, em 14 de Junho de 1914, não se destinava apenas a uma amiga pessoal, «mas também para outras almas fiéis perturbadas pelas dúvidas e temores concernentes à sua aceitação pelo Senhor Jesus Cristo». — *Testemunhos para Ministros*, p. 516. Esta carta esparge sobre nós, qual maravilhoso perfume, a certeza de que somos aceites por Deus.

Por um lado, a irmã White adverte contra a presunção de dizer «estou salvo», de acordo com a falsa doutrina da segurança eterna. Por outro, ela descreve com eloquência a nossa certeza de vida eterna em Jesus Cristo. Dois pontos de vista diferentes mas complementares sob os quais considerar a mesma questão.

1 — *Revista Adventista*, Fevereiro de 1989.

Georges Stéveny é secretário da Divisão Euro-Africana.

que outras. Um amigo muito querido trouxe-me este inspirador recado da sua mãe, que também estava orando por mim: «Uma das coisas mais belas de ser idoso e estar reformado é ter tanto tempo para orar.» A oração coloca uma insígnia de honra no uso do nosso tempo. Partilhá-lo com outros envolve de inesperadas chuvas de bênçãos a aposentação.

Somos aconselhados a «orar sem cessar» (I Tess. 5:17). O Filho de Deus passou muitas horas em oração secreta. Ele nunca interrompia a comunhão directa com Seu Pai. Deixou um exemplo a todos os que querem seguir os Seus passos. A espécie de mundo em que vivemos requer que aqueles que oram perseverem na oração. Assim fazendo, adquirirão paciência e perseverança, qualidades tão importantes em crentes vencedores.

E então, há a inexprimível alegria e encorajamento das orações respondidas! Raramente vi tantos olhos húmidos, apertei tantas mãos calorosas, e me senti tão profundamente comovido como quando, após a minha convalescença, entrei na minha igreja. As expressões de feliz gratidão foram-se renovando até meses mais tarde, porque eu era a prova de orações respondidas. É verdade que, às vezes, o resultado das orações é diferente daquele que nós, humanamente, esperamos. Mas Deus responde sempre às orações sinceras. Fá-lo, porém, numa perspectiva de eternidade. Todavia, frequentemente, a doce graça de Deus permite que vejamos os resultados das orações de intercessão. E isso anima-nos a continuar confiante e reconhecidamente. À alegria da resposta divina, seguem-se impulsos de abnegação, um coração mais puro, uma vida de harmonia com a vontade de Deus, participação da solidariedade cristã, uma mais íntima comunhão com o Salvador: não há recompensas pequenas para os que buscam incessantemente o trono da graça!

O segundo a beneficiar das orações de intercessão é aquele em favor de quem são feitas. Juntamente com flores, cartões e a generosidade da «brigada de caçarola» — esse grupo prático e dedicado que providencia refeições quentes a doentes e

idosos — as orações ocupam elevado lugar entre as «vantagens» dos que precisam de auxílio.

Quando as minhas condições de saúde se tornaram conhecidas, houve em vários continentes pessoas que oraram por mim. Da Austrália à América, da Europa a África, vozes fervorosas elevaram-se a Deus intercedendo em meu favor. Como Adventistas somos uma família tão espalhada e sempre em movimento, que isto não admira. Todavia, na maioria dos casos, é natural que as orações se circunscrevam a uma só cidade ou país. Seja como for, sabemos que a distância não importa. Os benefícios não estão dependentes dos quilómetros que separam as pessoas envolvidas.

Quando a necessidade surge, descobre-se, por vezes pela primeira vez, a verdadeira natureza de alguns membros de igreja. Desaparece a fachada exterior imposta pelas convenções sociais e o lado não egoísta dos nossos irmãos e irmãs brilha mais intensamente. Nada contribui tanto para um melhor conhecimento do carácter do que crises enfrentadas em conjunto e em espírito de oração.

Senti-me literalmente esmagado com as mensagens de amizade que recebi, principalmente quando os que me escreviam, ou falavam, me asseguravam das suas orações. É, de facto, vital que oremos uns pelos outros; mas há dupla bênção quando o beneficiário o sabe.

Pela minha parte, senti grande necessidade de ser digno de tantas súplicas, de purificar o meu coração, e não ser um obstáculo à resposta divina. Além disso, as orações em meu favor aumentaram a minha consciência de outros também em necessidade, e eu orei por eles. As orações abnegadas geram uma reacção em cadeia.

Um outro benefício de ser alvo de oração de intercessão é bem mais subtil. Numa altura em que geralmente as pessoas se sentem completamente inúteis e totalmente dependentes, eu compreendi, de repente, que Deus me usara para um propósito insuspeito. A minha doença representara, para outros, uma oportunidade de orarem, uma necessidade de se purificarem antes de intercederem, e um desafio a perseverarem. Consegui, então, ver a

minha provação de um ângulo completamente novo, e senti-me humildemente encorajado por aquilo que descobri.

E como descrever os muitos laços de novas ou renovadas amizades que se podem creditar à oração? Ou a paz, finalmente alcançada, com Deus, com os homens, consigo mesmo? Ou a fé, mais forte em Cristo e nas Suas promessas? Ou a prontidão, serena e confiante, de enfrentar a morte como o limiar da eternidade? A lista seria demasiado extensa. Aquele, em favor de quem são feitas orações, recebe, verdadeiramente, chuvas de bênçãos.

Há um terceiro subproduto da oração de intercessão: é a sua contagiante influência nos espectadores. Os laços da oração, que encorajam os beneficiários e transformam aqueles que oram, oferecem inspiradoras oportunidades de testemunho. Torna-se natural falar *de* Deus depois de se ter falado *com* Ele, porque então a Sua presença é óbvia. E aqueles que vêm, ou tomam conhecimentos do que se passa, hão-de desejar unir-se a um grupo espiritual cujos membros manifestam tanto cuidado e carinho uns pelos outros.

À medida que o mundo continua a sua corrida em direcção à destruição final, e que a vinda de Jesus se aproxima cada vez mais, as oportunidades de oração e as razões de intercessão continuarão também a aumentar. Se nos sentimos inúteis, isolados, se nos interrogamos sobre a maneira de desempenhar um papel significativo na família de Deus, unamo-nos em companheirismo activo aos crentes de joelhos! Partilhemos genuinamente o amor de Deus! Oremos uns pelos outros!

Pietro Copiz é Departamental de Educação e o responsável pelo Serviço Lar e Família da Divisão Euro-Africana.

O Pastor Neal Wilson em Portugal

ERNESTO FERREIRA

Esperando-se para o próximo mês de Maio a visita do Pastor Neal C. Wilson, presidente da Conferência Geral, ao nosso país, talvez não seja despropositado recordar a primeira visita que nos fez, em 1944, há precisamente quarenta cinco anos.

Era ele então um jovem obreiro acabado de sair do Seminário Teológico, que na altura funcionava em Takoma Park, Washington, D.C., e mais tarde foi transferido para Berrien Springs, Michigan, integrado na hoje bem conhecida Universidade Andrews.

A Segunda Guerra Mundial aproximava-se do fim, começavam a abrir-se possibilidades para a entrada em novos campos missionários, e foi assim que o casal Wilson partiu para o seu primeiro campo de trabalho — o Egipto.

Nesse tempo as viagens eram de barco, em geral demoradas, o que permitiu a escala de alguns dias em Portugal.

Esses dias foram aproveitados para visitar o Seminário de Portalegre, que recentemente abrira as suas portas com um bem reduzido número de alunos.

No dia 20 de Maio, precisamente no mesmo dia, à distância de 45 anos, em que o actual presidente da Conferência Geral falará no Coliseu dos Recreios, em Lisboa, o Pastor Wilson pregou, de manhã, na igreja de Portalegre. À tarde, teve lugar no Seminário uma reunião de jovens, ao ar livre, na qual a parte mais importante foi tomada pelo Ir. Wilson.

Começou por salientar que Deus está a servir-se dos jovens em todo o mundo, e irá falar de três jovens — um da América do Sul, outro de África e outro da Birmânia — cujas idades estão compreendidas entre os 14 e os 20 anos.

1. No Brasil, um colportor de 19 anos precisou de navegar num rio para se dirigir ao local do seu trabalho. Uma tempestade, porém, sobreveio, voltou o barco e o rapaz ficou sem os seus livros. O próprio colportor esteve em risco de morrer afogado, e só muito a custo alcançou a margem. Mas Deus velava. Alguns desses livros foram encontrados presos no mato que abundava nas margens. Um dia, uma jovem de 18 anos, casada, viu um dos livros adventistas enquanto lavava a roupa no rio. O livro falava do Sábado. Leu-o

e convenceu-se de que o Sábado era o dia do Senhor. Na sua sinceridade interrogou o padre da sua povoação sobre o assunto, o que lhe trouxe grandes dificuldades à sua fé. O padre, depois de algumas ameaças, que ela não acatou, contou ao marido o que se passava. Este proibiu-a de ler a Bíblia e de frequentar as reuniões adventistas que se realizavam a alguns quilómetros dali. Apesar dessa proibição, a jovem decidiu manter-se fiel até à morte. Várias vezes foi espancada pelo marido, mas, pondo a sua fé em Deus, esperou a salvação d'Aquele que tudo pode. Assim, um dia, quando o marido se preparava para a maltratar, o braço deste foi detido por uma força desconhecida, e permaneceu imobilizado sem poder agredi-la.

Como resultado da fidelidade desta jovem cristã, existe hoje na sua povoação uma Escola Sabatina e uma classe baptismal, e dentro em breve haverá uma forte igreja.

Nisto tudo podemos ver Deus dirigindo superiormente a Sua obra, e a actividade e astúcia de Satanás perseguindo a única pessoa que naquela terra tinha aceitado o Evangelho. Mais uma vez vemos o cumprimento de Romanos 8:28: «Todas as coisas contribuem para o bem daqueles que amam a Deus.»

2. Em África um jovem adventista, coxo, mal podia angariar os meios de subsistência. Desejava, contudo, assistir às reuniões anuais que se realizavam a cerca de 350 quilómetros de distância. Depois de muita hesitação por causa do pouco dinheiro que possuía e que lhe não permitia fazer toda a viagem de comboio, resolveu partir a fazer uma parte do percurso de bicicleta. Com o pé que lhe restava apoiado no pedal e com a muleta amarrada ao outro pedal, fez uma parte do caminho com grande dificuldade. A sua forte vontade fê-lo vencer todos os obstáculos e chegar às desejadas reuniões. Animado com as mensagens que ouviu, decidiu entregar o resto do dinheiro que possuía à obra missionária. Restava-lhe, como último recurso, voltar de bicicleta e vencer quinze dias de viagem. Assim fez, depositando a sua confiança em Deus. O Senhor não lhe faltou. Três camionetas surgiram na estrada que ele com tanta dificuldade percorria. Um dos motoristas interrogou-o sobre

o caminho que devia seguir e, conversando com o jovem, soube que ele dera todo o seu dinheiro para as Missões. Apiedado, convidou-o a viajar na sua camioneta para lhe servir de guia. Desta maneira lhe proveu Deus o meio de voltar a casa e ainda uma ajuda pecuniária com o dinheiro que lhe foi dado como gratificação, muito superior àquilo que o jovem poderia ter esperado. Eclesiastes 11:1 e Malaquias 3:10 são promessas de Deus a todos aqueles que Lhe forem fiéis.

3. Na Birmânia, um jovem estava estudando para sacerdote budista. Relacionou-se, porém, com um jovem estudante adventista. Conheceu a Bíblia, entusiasmou-se com a sua doutrina, ouviu explicações sobre a Verdade e resolveu estudá-la com cuidado. Na sua sinceridade julgou que os sacerdotes budistas ficariam satisfeitos com a descoberta que ele tinha feito. Mas a mesma Verdade que para esse jovem era maravilhosa, para os sacerdotes budistas era motivo de preocupação. Estes começaram por tentar convencer o jovem a deixar de boamente as revelações das Escrituras. O rapaz, todavia, estava já tão afeiçoado à Palavra de Deus, que em breve levou os colegas a ouvirem a mensagem e a cantarem os hinos adventistas. Os sacerdotes, então, depois de vários castigos, que não fizeram vacilar a fé desse jovem, resolveram eliminá-lo, deitando-o amarrado num calabouço fundo. Depois de uma noite e um dia de luta e de muito esforço, o rapaz conseguiu cortar as cordas, raspando-as numa pedra aguda, e encontrar uma passagem subterrânea. Seguindo por esse corredor subterrâneo, alcançou uma dependência do mosteiro budista. Com o auxílio de Deus conseguiu escapar à vigilância dos sacerdotes e ainda transpor um muro sem que ninguém o visse. Chegou por fim a Rangun, onde frequentou o colégio adventista. Hoje é ele um missionário activo num dos nossos campos.

Foi uma reunião muito animada e inspiradora, que ainda hoje recordamos com saude.

O Pastor N. C. Wilson não é pois um estranho entre nós. Podemos até dizer que um dos primeiros passos da sua longa carreira de obreiro foi dado precisamente em Portugal.

Bodas de Ouro da Igreja do Barreiro

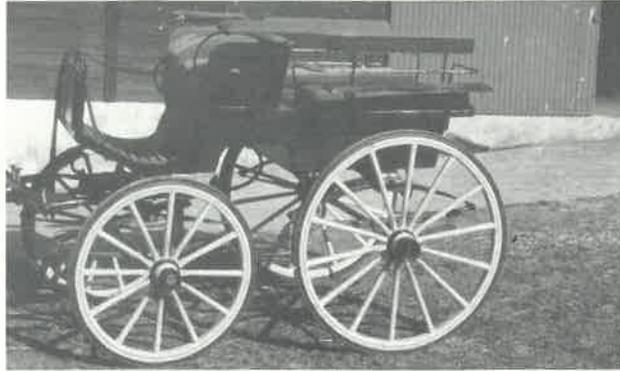


A igreja do Barreiro comemorou no passado dia 11 de Fevereiro as suas Bodas de Ouro. Foi um dia de festa para os crentes e visitas, que se reuniram no Pavilhão dos Ferroviários para a Escola Sabatina e o culto, e também para uma reunião de recordação e acção de graças. Foi uma oportunidade de rever amigos e de conviver em fraternidade e espiritualidade.

A ideia desta comemoração partiu dos próprios crentes, em especial do ir. Sebastião Alves, grande impulsionador de todo o programa, segundo nos diz o Pastor Fernando Mendes, responsável local. Surgiu como uma oportunidade de unir, revivificar a igreja e recuperar aqueles que, tendo um dia feito parte das suas fileiras, por um motivo ou outro, se afastaram ou tornaram menos assíduos. Nesta óptica, o lema que orientou todos os preparativos e a própria comemoração foi: RECUPERAR. Uma grande armação de 6 metros, com grandes letras em esferovite, ocupava a parte central do palco-tribuna, concitando todos os presentes para esse importante objectivo: recuperar o fervor dos presentes, a presença dos ausentes, recuperar o próprio templo do Barreiro, cuja congregação precisa urgentemente de um lugar de adoração condigno.

Naquele Sábado tudo foi diferente e, todavia, tão igual! Houve Escola Sabatina, Actividades Missionárias, oferta, culto solene.

As actividades começaram com as boas-vindas, o coro da igreja do Barreiro e uma oração. A seguir, o ir. Joaquim Mendes apresentou uma pequena resenha de como o Evangelho penetrou na área, que foi, precisamente, através do testemunho missionário de um casal vindo de Lisboa. Corria então o ano de 1934-1935. O referido casal dirigia-se à Figueirinha e parou junto a uma fonte para dessentear. Já não era a primeira vez que ali paravam e descansavam, cantando hinos. Os donos da propriedade vieram ver o que se passava e travaram conhecimento com os viajantes, que lhes ofereceram uma Bíblia. Estes beberam a água perecível, mas deixaram-lhes a «água da vida» de que Je-



Este foi o transporte...



Fonte de S. Caetano



Ir.ª Rosa Grelha pioneira da Igreja do Barreiro



Primeiro pastor: Ir. Lutero Simões

sus falava à samaritana, junto ao poço de Jacob. E assim pegou o rastilho. Eram os pais da irmã Rosa Grelha, mais conhecida por Rosa da Cal, por ter como modo de vida vender cal. O membro mais antigo da igreja do Barreiro é, justamente, uma filha da irmã Rosa da Cal, irmã Maria Angélica.

Naquele dia festivo, a congregação do Barreiro homenageou nela, como o membro mais antigo, aqueles outros pioneiros — alguns dos quais já dormem no Senhor — que propagaram a Verdade do Advento e estabeleceram a Igreja. Homenageou também os mais jovens, nos quais se centra o desejo de continuidade da mesma e a terminação da Obra. Irmanados na mesma esperança da Parusia, na tarde ou na manhã da vida, sobre todos repousa o futuro da Igreja e a todos é confiada a tríplice missão de *ir, ensinar e baptizar*. Se o membro mais antigo é a irmã Maria Angélica, o mais idoso é a irmã Mariana Milhano; o membro mais novo é João Reguengo e o mais jovem é Emanuel Rodrigues. Flores para as senhoras, medalhas comemorativas para os homens, enquanto todos cantavam o hino «Mais perto quero estar, meu Deus, de Ti», voto sincero de cada crente que sabe que só junto ao Senhor se está seguro.

O Dr. Mário de Oliveira apresentou uma estatística nacional e mundial sobre a obra médica e educativa da Igreja Adventista, a qual introduziu a oferta da Escola Sabatina. Quanto à lição do dia, ela foi passada por um trimensário de há 50 anos. Versava sobre a *Videira e as varas*. Emocionante essa lição de 1939! Hoje como então continua verdadeiro o seu simbolismo: só unido a Cristo, a Videira, pode o crente ter vida. A lição foi dividida em duas partes, uma a cargo do ir. Samuel Brito, ancião da igreja, e a outra a cargo do ir. Carlos Macedo, director dos jovens.

Num dia especial, o culto foi também especial. Não foi apresentado por um único pastor, mas por vários — aqueles que um dia tiveram a responsabilidade pastoral do Barreiro. E assim, subiram à tribuna: Pr. Joaquim Morgado, presidente

da União Portuguesa, Lutero Simões, primeiro pastor do Barreiro, João Esteves, Manuel Miguel, Fernando Mendes, que é a terceira vez que tem a responsabilidade pastoral do Barreiro, Manuel Laranjeira, Samuel Reis, Abílio Echevarria, Arnaldo Borges, Raul Meneses, Manuel de Oliveira. Os dois actuais anciãos, Samuel Brito e Daniel Cem, fechavam o ciclo de presenças na tribuna.

Outros irmãos houve que tiveram a responsabilidade do Barreiro, mas não puderam estar presentes. Tal foi o caso dos pastores Ernesto Ferreira e Juvenal Gomes, que tinham outros compromissos naquele dia, e dos pastores José Abella, Vitor Martínez e Jacky Chevrier, ausentes no estrangeiro. Outros já não estão connosco, como por exemplo os irs. Arlindo Miranda e Francisco Cordas, mas suas viúvas, irmãs Maria de Lurdes Miranda e Francisca Cordas estiveram presentes.

A todos os pastores presentes foi dada a palavra para durante cinco minutos falarem da sua passagem pela igreja do Barreiro e relatarem algum episódio que guardassem bem no coração. Foi um momento de grande comoção. Muitos dos crentes mencionados como tendo sido activos baluartes da igreja já descançam no Senhor. Na verdade, «as suas obras os seguem», pois muitos dos actuais crentes foram ganhos para a verdade e firmados na igreja através do seu testemunho e estímulo. Mas o Senhor tem ainda muitos que hão-de vir para o aprisco e urge recuperar outros que se afastaram... «Ide meu filho procurar» — assim começava o hino com que findou aquela abençoada hora de louvor e recordação.

Após o almoço, havia novo encontro marcado no Salão dos Ferroviários. Era a parte mais oficial das Bodas de Ouro da igreja e para ela se convidaram diversas entidades e autoridades. Algumas, sabemos que estiveram presentes, outras mandaram telegramas. Desejamos destacar a presença do Sr. Presidente da Câmara Municipal do Barreiro e da Vice-Directora do Conselho Directivo da Escola do Alto do Seixalinho, que é a escola que tem mais jovens adventistas, embora houvessem várias escolas representadas, dado que todas foram convidadas. A todos foi feita entrega da medalha comemorativa do cinquentenário. A mesma medalha foi também ofertada aos vários pastores «do Barreiro», às viúvas dos irs. Cordas e Miranda, ao Pr. J. Morgado, presidente da União, ao Pr. Sabino, que como director da Casa Publicadora apoiou esta e outras iniciativas da igreja, ao Pr. Maurício,

que num breve intervalo pastoral acumulou a responsabilidade da igreja do Barreiro, ao Emanuel Sacramento, que em 1975/76 fundou os Desbravadores do Barreiro, etc. etc. Foi um momento de agradecimentos e recordações. E vem a propósito referir os Comandantes da Polícia e dos Bombeiros, que deslocaram efectivos para garantir a segurança dos assistentes e facilitaram o tráfico e estacionamento nas redondezas. Mencionamos também a Escola de Música Wagner que nos emprestou graciosamente o órgão-piano e os amplificadores. Mesmo o aluguel da própria sala dos Ferroviários, em condições verdadeiramente vantajosas, foi providencial e merece particular relevo. Os directores ficaram imensamente contentes com os melhoramentos (limpeza e construção de uma escada) que ali introduzimos e que devemos à colaboração espontânea da nossa gente, que para isso trabalhou e fez vários serões. De forma que já se prontificaram a ceder-nos a sala sempre que disso tivermos necessidade.

Falou-se também do projecto do novo templo do Barreiro. Os planos estão aprovados, a igreja está entusiasmada e a obra vai arrancar. Uma oferta levantada para este objectivo somou mais de 100 000\$00, mas esperam-se novos reforços assim que a construção começar. A nova igreja ficará situada na Rua Júlio Dinis.

Após um pequeno intervalo, o programa prosseguiu com destaque especial para a música. Actuou o coro do Barreiro, de que David Pereira é o director, um outro grupo musical também do Barreiro, dirigido pelo Paulo Vieira, houve uma peça ao piano, pela Sandra Matilde, violino pelo jovem Samuel Silva. A parte principal esteve a cargo do grupo Paz, de Setúbal, dirigido pelo João Paulo. A assistência foi muito sensível a esta apresentação. O programa incluía também o filme *José no Egipto*, de que apenas se passou uma parte devido ao adiantado da hora. Mas tanto bastou para uma séria reflexão. Exemplos como o de José mostram que crentes activos, consagrados, podem vencer mesmo na «casa de Potifar» que é este mundo com as suas tentações.

Aproximava-se o pôr-do-sol. Era o momento da despedida. E que melhor maneira de agradecer a Deus aquele dia do que cantar a esperança do reencontro eterno! Todos de pé, de mãos dadas, entoaram então:

É só «Até à vista», irmãos,
E vamos a sorrir!
Pois Deus que aqui nos vê
Nos voltará a reunir!



O Sr. Presidente da Câmara Municipal do Barreiro é saudado pelo Pr. Mendes.



Coral da Igreja do Barreiro



Grupo Paz da Igreja de Setúbal



Aspecto da assistência



O Pr. Morgado cumprimenta o Ir. S. Alves

Se Jesus ali estivesse — e certamente estava através do Seu Espírito — Ele teria desejado que ele-vássemos ao Céu a Sua prece-modelo. Quando o João Paulo cantou o «Pai Nosso», a assistência ficou ao rubro: o Céu desceu à Terra e todos se sentiram perto de Deus, nosso Pai. A assistência voltou a cantar, comovida, inspirada, feliz. Alguns lenços brancos acenavam esperançosos: É só «até à vista», irmãos!...

O programa incluiu ainda uma manifestação desportiva e um lanche-convívio. O primeiro no pavilhão da Escola de Sto. André e o segundo num local pertencente ao senhorio da casa que actualmente ocupamos, ambos graciosamente cedidos para esse efeito. Ao lanche, esmerosamente preparado sob a direcção das irmãs Carmélia Alves e Santana Vieira, não faltou o tradicional bolo de aniversário, uma igreja feita em açúcar, com sininhos, caminhos, gente a encaminhar-se para a igreja, etc. «Uma maravilha», assim foi qualificado não só o bolo, mas o lanche, a disposição das mesas, os doces apresentados.

A igreja do Barreiro viveu assim a sua «grande festa de reavivamento». Este foi o termo usado pelo an-



Ir.ªs Carmélia Alves e Santana Vieira junto a uma das mesas do convívio



Planta da nova igreja do Barreiro

ção Daniel Cem para se referir à festa espiritual do dia 11 de Fevereiro. De facto, a designação «Bodas de Ouro» funcionou mais para o exterior e foi o motivo aglutinador dos primeiros preparativos. Bem cedo se descobriu — e o ir. Lutero Simões o confirmou — que a primeira sala do Barreiro, na Rua 20 de Abril, foi alugada por volta de 1936. Mas a mensagem chegou aos crentes. O lema *Recuperar* mostra o aspecto activo e eminentemente missionário que presidiu a todo o programa, pelo que, para além da sua consecução, não foi de menor importância a sua preparação e os contactos e visitas feitos aos ausentes ou menos assíduos. E também aqui, de acordo com as palavras do pastor local, cabe uma grande parte aos membros da igreja, particularmente ao ir. Alves, que coordenou todo o programa, e aos seus mais directos colaboradores, anciãos e directores de departamentos da igreja. Destes contactos resultaram listas actualizadas de ex-membros de igreja ou da Escola Sabatina, de jovens e visitas que vale a pena continuar a contactar, na esperança de os *recuperar* para a igreja de Deus.

M. R. Baptista

Falando com o pastor Mendes...

— Como pastor do Barreiro, que achou do programa?

— Penso que correu muito bem e que os seus objectivos foram alcançados.

— Quais eram esses objectivos?

— Queríamos dinamizar a igreja, dar novo ânimo aos presentes e recuperar os ausentes. Daí o nosso lema.

— O que envolveu grande preparação...

— Sim. A este respeito queria dizer que o impulsor de todo este programa foi o ir. Sebastião Alves que, pondo de parte as suas actividades comerciais durante mais de um mês, se dedicou inteiramente à sua planificação e execução. É certo que muita gente cola-

borou, mas ele foi o elemento-chave que fez avançar a máquina.

— Merecia uma medalha...

— E teve-a. Foi surpresa, ele não esperava. Mas era de justiça e por isso tive muito gosto em entregar-lha.

— Como recebeu a igreja a ideia desta comemoração?

— A igreja respondeu. O seu entusiasmo e adesão foram aumentando gradualmente até à manifestação de amizade e alegria que vivemos no dia 11 de Fevereiro.

— Notam-se alguns resultados desta comemoração?

— Sim. Há maior assiduidade dos membros. E caras que já não víamos há mais de qua-

tro anos estão vindo à igreja. Creio que esta está motivada para grandes empreendimentos e um deles será a construção do nosso templo a arranjar em breve. Por outro lado, com as visitas que se fizeram, temos em mão uma lista de pessoas, ex-membros ou visitas da igreja, com quem desejamos continuar a trabalhar. São cerca de 150 nomes.

— Isso é óptimo. E quanto a planos imediatos?

— Temos visitas a receberem estudos bíblicos. A visita vai ser intensificada e vamos começar no princípio de Abril um Seminário de Apocalipse. Esperamos que irá espiritualizar ainda mais a igre-

ja e suscitar interesse nas visitas.

— Que mais o impressionou nestas Bodas de Ouro?

— Ver tanta gente! Cerca de 700 pessoas! Tantas colegas que por ali passaram! Ver a igreja feliz, vibrando espiritualmente e cantando: «E só «até à vista», irmãos!»

— Portanto, acha que valeu a pena todo o esforço e todo o investimento de uma tal «festa de reavivamento espiritual»?

— Sem dúvida! Acho que foi uma bênção para a igreja do Barreiro e será uma bênção onde quer que se leve a efeito um tal programa! Gostaria de manifestar a todos os membros e visitas o meu reconhecimento por este maravilhoso dia que vivemos.

Ilha Terceira: Exposição sobre toxicomania. Baptismo fecha ano de 1988

Drogas e suas conseqüências — no Salão de Exposições do Palácio dos Capitães Generais.

Data — 23 a 28 de Janeiro.

Cerca de 70 cartazes e painéis expostos, além de outros incentivos visuais como diapositivos.

Departamentos oficiais interessados: Direcção Regional dos Assuntos Culturais; Direcção Regional da Orientação Pedagógica; Secretaria Regional da Administração Interna; Secretaria Regional da Saúde e Segurança Social.

Extraordinariamente elogiosas as referências deixadas pelas visitas e manifestadas por escrito. O nome da Associação Internacional de Temperança e da Igreja Adventista do Sétimo Dia destacavam-se em três locais da exposição. Vários pedidos para desintoxicação tabágica. Vários pedidos para trabalho a nível de escolas; emanada circular oficial para as escolas receberem a intervenção do departamento da temperança.

Segundo opinião do guarda do palácio, destacado oficialmente para a exposição, foi um grande sucesso. Vulgarmente as exposições ficam às «moscas» e ele não esperava outra coisa com esta. Mas Deus não quis que fosse assim. Estamos gratos por isso.

Revistas, impressos e autocollantes entregues: 798.

Cartazes de propaganda expostos em vários estabelecimentos: 34.

Cartas remetidas a várias entidades: 34.

Convites de porta a porta: 665.

Anúncios na Imprensa: 3.

Radiodifusão Regional fez entrevista.

Jornais: Diário Insular e União redigiram artigos.

Número de pessoas que visitaram a exposição: cerca de 300, entre as quais: Director Regional dos Assuntos Culturais; Engenheiro-professor e chefe dos Serviços Culturais; Deputado Regional para a Assembleia da República; 10 professores; 4 funcionários públicos; 1 funcionário bancário; 2 sacerdotes; 1 médico; enfermeiros; militares, alunos de várias escolas, etc.

Satisfazendo um pedido de remodelação, noticia-se aqui uma outra actividade levada a cabo em 24 de Julho de 1988 na instituição «Le Patriarche» na Serreta, com o fim de levar os jovens a uma tomada de consciência no que respeita ao uso de drogas.

Actuou o coro não só lá, mas também na mata, perante os utentes do Lar para Pessoas Idosas da Praia da Vitória. De parabéns o irmão Carlos Baptista.

Fechámos o dia 31 de Dezembro de 1988 com o baptismo do jovem Jorge Mendes, que nesse dia festejava o seu 17.º aniversário.

O coro da Serra de Santiago, que actuou na cadeia de Angra, mimoscou-nos com a sua participação na igreja e foi muito apreciado.

Fizemos a passagem do ano ao



pôr-do-sol, com os crentes presentes, havendo em seguida um pequeno mas alegre convívio.

A Festa de Natal realizada pelos jovens da Igreja da Serra de Santiago esteve maravilhosa. Desempe-

nho e assunto a alto nível. Muitos convidados e crentes.

Estão de parabéns.

José Pedro Sincer

Pastor das igrejas da Terceira.

Grupo de Reis da Juventude Adventista de Braga — JAB

Na última quadra natalícia um grupo de irmãos de Braga (maioritariamente composto por jovens) viveu, na capital minhota, uma experiência que passa a partilhar.

O nome JAB — Juventude Adventista de Braga foi «mensagem/mensageiro» numa diversidade de aspectos a saber:

— II Encontro de Grupos de Reis (iniciativa da Casa da Cultura e da Câmara Municipal de Braga): cor, juventude, alegria, universalidade e fraternidade foi «perfume» que exalou das duas músicas apresentadas pela JAB na maior sala de espectá-

culos da cidade de Braga, onde foram entregues, pelo autarca local, diplomas de participação aos representantes dos nove grupos presentes (no final o poema do canto JAB mais apreciado);

— Meios de comunicação:

- Jornal local (duas vezes);

- Programa do Encontro com breve apresentação de cada Grupo (...«grupo juvenil da Igreja Adventista do Sétimo Dia de Braga. Grupo vocacionado para a animação religiosa...»);

- Rádio Renascença (no balanço do Encontro);



PENSANDO EM MORDOMIA

«Como despenseiros da graça de Deus, estamos lidando com o dinheiro do Senhor. Muito, muitíssimo significa para nós sermos fortalecidos, dia a dia, pela Sua abundante graça, sermos capazes de compreender a Sua vontade, sermos achados fiéis tanto no pouco como no muito. Quando tal for a nossa experiência, o serviço de Cristo será para nós uma realidade. Deus requer isso de nós, e diante dos anjos e dos homens devemos revelar a nossa gratidão pelo que Ele tem feito por nós. A benevolência de Deus para conosco devemos nós retribuir em louvor e actos de misericórdia...» — *Conselhos Sobre Mordomia*, p. 111.

— Diversos:

• Cartões de Boas Festas, a anunciar a visita do grupo da JAB, a mais de duas dezenas de lares não-adventistas;

• Recibos (contabilidade). Participação da Câmara local pela presença no Encontro: 12.500\$00; (donativo de uma grande empresa de construção bracarense (Sá Taqueiro): 30.000\$00; (a propósito de dinheiro, no fundo da JAB entraram 91.500\$00);

Esta experiência, porque convidando se observou, se dialogou e, «retendo o lado bom» da nossa cultura, houve uma adaptação e actualização que resultou, se crê, para glória de Deus.

J. O. D.

Director de Jovens da igreja de Braga

O Natal é bem-estar no coração

Cantam anhos numa estrela:
É nascido o Salvador!
Glória ao Pai e paz na Terra
Aleluia Deus é Amor!

Neste dia brilham luzes de esperança
Há no peito um desejo bem maior.
De calor e luz Seu nome é Jesus
Que no lar é lareira de Amor.

Côro

Vem cantar numa só voz
O Natal é Bem-estar!
O Natal é Bem-estar no coração!
Coração que é o mundo inteiro
E que bate no teu peito
E no peito do teu irmão.

'Stá já posta a mesa, do André à Zeza
Partilhai alegria, amor e paz.
Sim quer tu entregues ou quer tu recebas
Meu irmão, te pertence este cabaz.

Do Natal aos Reis, dos Reis ao Natal
Onde for, brilhe sempre a vossa luz.
Do André à Zeza a luz da certeza
Meus irmãos, sempre seja a de Jesus.

Jod



Domingo 18 de Dezembro

Dirigida pela ir. Olívia Santos, a nossa directora de jovens, realizou-se a festa do Natal. Duas horas antes do começo da Festa já estava muita gente na igreja e para surpresa e alegria nossas mais de 100 crianças estiveram presentes, sendo a maioria, como é óbvio, crianças não-adventistas. Foi tanto o povo que desejava assistir que muitas pessoas tiveram de se ir embora porque não tinham lugar mesmo que fosse de pé e junto à porta da entrada. Os nossos jovens comportaram-se muito bem dando um bom testemunho de que mesmo uma pequena congregação pode fazer uma bela festa, quando existe um bom espírito de amizade e de união. Esta festa tornou-se um símbolo do que pode vir a ser o evangelismo na nossa pequena igreja. Gostaria de acrescentar que os nossos jovens foram ainda apresentar a sua festa noutras igrejas aqui na área Norte.

cação, a consagração da nova igreja. Esteve muita gente presente.

A nossa sala está bastante airosa. Tem capacidade para uma centena de pessoas e é uma sala própria, isto é, foi adquirida com alguns milhares de contos que nós demos e também com a colaboração da União e da Divisão, a quem agradecemos igualmente.

Da parte da tarde deste sábado tivemos uma reunião já há muito aguardada, sob o tema: *A Austrália* — O País, a Igreja Adventista e a campanha evangelística que o nosso Pastor ali realizou no ano passado. Ficámos todos muito satisfeitos e entusiasmados por conhecermos aquele país distante e sobretudo por vermos como a nossa Igreja tem raízes tão profundas na Austrália e por apreciarmos também a maneira como decorreram os trabalhos missionários, evangelísticos. Foi um sábado muito especial e muito abençoado.

Sábado, 25 de Fevereiro

Projectámos para esta data a conclusão do seminário sobre o Apocalipse, que o nosso ancião Mário Santos tem dirigido na nossa igreja. Cada sábado de tarde, alguns irmãos, e mesmo visitas, têm vindo animar as reuniões com a sua presença e este seminário que já dura há meses tem trazido a todos nós um melhor conhecimento do Apocalipse e uma noção mais fecunda dos tempos solenes que vivemos actualmente.

Conceição Teles

Secretária da igreja de Ermesinde

Igreja de Ermesinde: Notícias

Sábado, 17 de Novembro

Dia mundial do não-fumador. Neste dia, pelas 21 horas, a nossa igreja levou a efeito uma sessão de esclarecimento sobre os perigos do tabaco através duma palestra dirigida pelo pastor Matos. Durante esta palestra foram apresentados alguns interessantes diapositivos assim como outro material didáctico

sobre o assunto e no final recebemos um apelo no sentido de nos mantermos firmes na decisão de nos abstermos do tabaco e firmes também na luta anti-tabagista. Centenas de folhetos foram distribuídos convidando para este reunião, e o jornal *Comércio do Porto* publicou graciosamente a notícia da reunião, mas, infelizmente, foi muito reduzido o número de visitas.



Sábado 28 de Janeiro

Inaugurámos oficialmente o nosso novo lugar de Culto. Contámos com a presença do pastor Morgado e foi um dia bastante agradável para todos nós. De manhã tivemos a lição da Escola Sabatina, que foi dirigida pelo pastor Matos, em conjunto. No culto, dirigido pelo Pastor Morgado, foi-nos apresentado o valor da presença de uma Igreja Adventista nesta freguesia, porque nós levamos às pessoas, não só os caminhos duma vida melhor, como, também, os caminhos da salvação. Depois teve lugar o Acto da Dedi-

Aguardando a Ressurreição

Pastor Robert Howard Pierson

No Sábado, 21 de Janeiro deste ano, faleceu no Hawai, onde se encontrava como pastor interino na igreja de Kailua, o **Pastor Robert Howard Pierson**, antigo presidente da Conferência Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

O Pastor Pierson nasceu a 3 de Janeiro de 1911, filho de mãe adventista e pai metodista. Todavia, este permitiu que os filhos fossem educados na mais genuína fé do Advento.

A adolescência do jovem Robert foi um período difícil e motivo de grande preocupação para sua mãe, que desejava ardentemente que ele se tornasse uma forte coluna da igreja. Por isso, ela orava incessantemente por ele. Um dia, Robert recebeu um telegrama anunciando-lhe que a mãe se encontrava gravemente doente. Meteu-se num velho automóvel e fez mais de 2 400 quilómetros, viajando quase três dias para estar ao seu lado. Veio encontrá-la em coma, do qual nunca mais recuperou.

A morte daquela boa cristã, que tantas vezes orara por ele, tocou profundamente Robert. Tomou a sua Bíblia, fechou-se no quarto, ajoelhou-se e orou ao Senhor. Então, entre lágrimas e súplicas, fez uma promessa que cumpriu fielmente: ser ministro do Senhor, fosse onde fosse, e fosse para o que fosse que o Senhor o chamasse.

Foi para o colégio Adventista do Sul, em Collegedale, no estado do Tennessee, e ali estudou teologia, não sem sacrifícios, pois para financiar os estudos trabalhava na vacaria. Todos os dias se levantava às 3 horas da madrugada, ordenhava as vacas, transportava o leite aos locais designados e quando as aulas começavam, já ele tinha feito cinco ou seis horas de trabalho. Aos sábados e domingos, Robert ia muitas vezes a localidades vizinhas, onde colaborava nas actividades pastorais. Formou-se em 1933, com 22 anos.

O seu primeiro trabalho foi em Decatur, na Geórgia. Era pastor, professor e tinha também um programa na rádio local. No entanto, a maior parte dos 46 anos de serviço activo do Pastor Pierson foram passados em cargos administrativos, 25 anos dos quais fora dos Estados Unidos. Foi presidente de Associação, de União e de Divisão, e trabalhou na Índia, Jamaica, Trindade, Tennessee, Texas e Zimbábue antes de ser eleito para a responsabilidade do campo mundial, em 1966.

Foi ordenado pastor em Poona, na Índia, em 1936. Em 1966, a Universidade de Andrews outorgou-lhe o grau de doutor honoris causa em Teologia. Em 1979, com lágrimas, apresentou a sua renúncia ao cargo de presidente da Conferência Geral, devido a uma grave afecção cardíaca. Retirou-se para Hendersonville, na Carolina do Norte, após 13 anos de presidência, uma das mais longas da Igreja Adventista, mas manteve-se sempre activo, colaborando, pregando e escrevendo.

Autor de 20 livros, entre eles o conhecido *Para Si, que quer ser um Dirigente*, e de dezenas de artigos devocionais, de lições da Escola Sabatina e até das Meditações Matinais de 1975, ele era um escritor de talento. A *Revista Adventista* tem vindo a publicar uma série de artigos da sua autoria, centrados na mensagem de Deus aos laodiceanos, que conclui, precisamente, neste número de Abril. O seu último trabalho foi o texto para o Dia do Espírito de Profecia de 1989, de que a Conferência Geral o encarregara. Intitula-se: «A Função do Espírito de Profecia na Preparação do Povo de Deus para os Acontecimentos Finais do Mundo». Esperamos publicá-lo também na *Revista*.

O Pastor Robert H. Pierson era um homem querido e apreciado na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Com a sua morte, a Igreja perde um verdadeiro líder — ele actuava ainda como conselheiro do Presidente da Conferência Geral, Pastor Neal C. Wilson — perde um pastor de coração sensível e mente esclarecida. Perde um pai espiritual que trabalhava e vivia para a Igreja. Lembramos o excelente artigo que escreveu dirigindo-se a todos os crentes: «Acordem, Adventistas do Sétimo Dia!» (*Revista Adventista*, Maio de 1988). Ali se vê como ele tinha a peito a preparação individual dos crentes para a vinda de Jesus. Morreu ao serviço da Igreja à qual prometera dedicar a sua vida. Sobrevive-lhe sua esposa Dollis, companheira de mais de 50 anos, colaboradora de um ministério altamente profícuo e abençoado.



M. R. Baptista

Programa da visita do Pastor Neal Wilson

Presidente da Conferência Geral

14 a 21 de Maio de 1989

Domingo, 14 de Maio

- 13h30 — Chegada ao aeroporto (vindo de Bucareste)
- Recepção no aeroporto
- 18.00 — Encontro com os Pastores, Professores, Colportores e Obreiros dos Escritórios da Área de Lisboa, na nova Igreja de Cascais — Rua Marquês das Minas, 3

Segunda-feira, 15 de Maio

- Viagem Lisboa-Funchal
- Recepção no aeroporto
- Contactos com as Autoridades
- 18.30 — Encontro com os Obreiros
- 20.30 — Encontro com a igreja do Funchal

Terça-feira, 16 de Maio

- Viagem Funchal - Porto
- Contactos com as Autoridades
- Visita à Escola de Oliveira do Douro e algumas igrejas do Norte
- 18.30 — Reunião com Pastores, Professores, Colportores e outros Obreiros da Área Norte, no Colégio de Oliveira do Douro.

Quarta-feira, 17 de Maio

- Viagem Porto - V. Real
- Contactos com as Autoridades
- Visita à Escola e ao lugar da nova igreja
- Encontro com a comunidade local
- Viagem para Lisboa

Quinta-feira, 18 de Maio

- Visita à Escola de Lisboa e à Casa Publicadora
- Almoço no Lapi e visita
- Visita à Escola e igreja de Santarém

Sexta-feira — 19 de Maio

- Visita à Escola de Setúbal
- 16.00 — Apresentação de cumprimentos a S.Ex.^a o Presidente da República

Sábado, 20 de Maio

- Reunião geral, em Lisboa, de crentes de todas as igrejas do País
- Tarde Missionária
- Festival de cânticos da Juventude

Domingo, 21 de Maio

- Partida em Voo TP 612 às 11.10